ANO VIII. MAIO DE 2018.
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.
MARÉ, RIO DE JANEIRO.

MARÉ DE NOTÍCIAS

88

ELISÂNGELA LEITE

A dura realidade do Futebol

Milhares de jovens se arriscam nos gramados, mas poucos conseguem sucesso

PÁGINAS 10 E 11

A turnê dos bailarinos da Maré pela França
PÁGINA 3

Os danos que a violência causa aos nossos estudantes
PÁGINA 6

Os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos
PÁGINA 7

Fique por dentro da sua Associação de Moradores
PÁGINA 16

ELISÂNGELA LEITE

Faltou luz na Maré

O Carnaval na Maré não foi tão divertido assim. Algumas áreas ficaram 48 horas sem energia elétrica. Infelizmente, esse não é um fato isolado. As reclamações dos moradores são muitas. Demora no atendimento e, principalmente, falta de energia frequente. **PÁGINAS 4 E 5**

Concreto Rosa

Elas colocam a mão na massa, mas sem perder o charme. E não temem a concorrência masculina. Cada vez mais mulheres trabalham na Construção Civil. Um setor que durante muito tempo foi dominado pelos homens. **PÁGINAS 8 E 9**

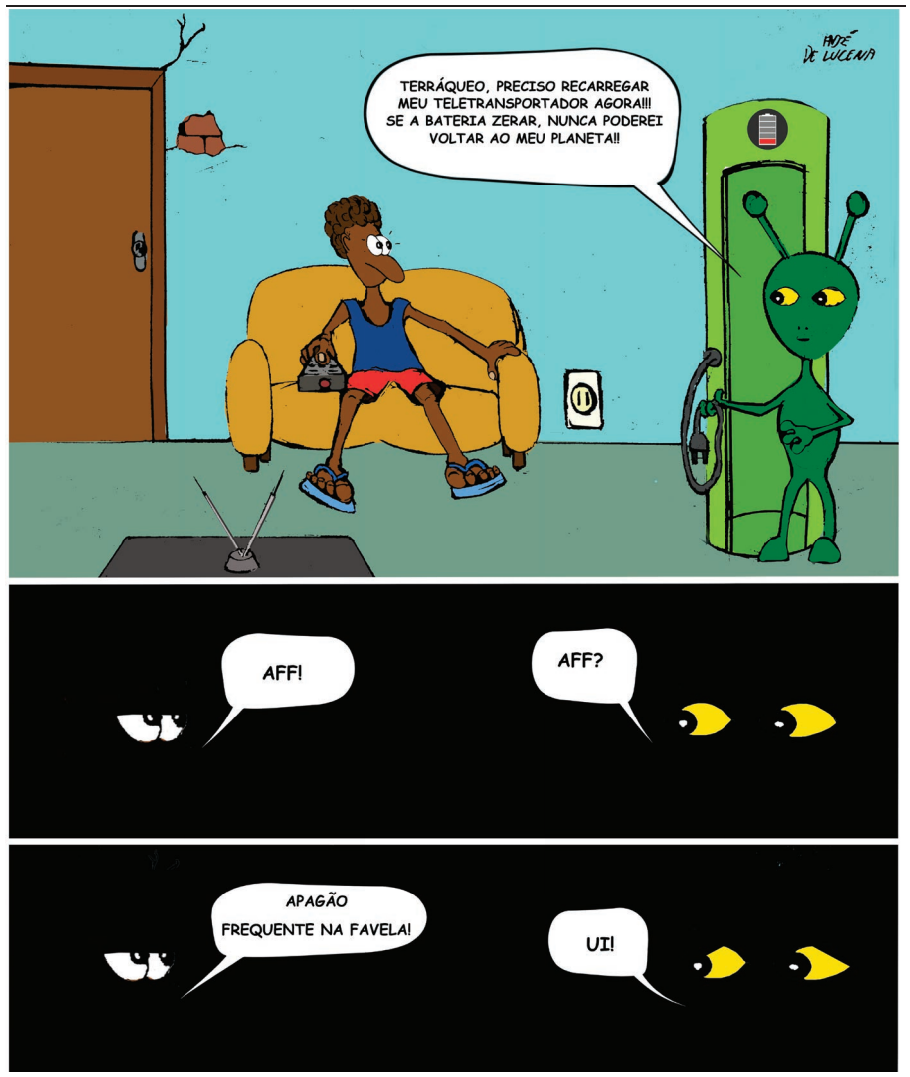
ELISÂNGELA LEITE

EDITORIAL

Olá, leitoras e leitores! Maio é o mês em que se comemora o Dia do Trabalho. E o Maré de Notícias, na sua Edição de número 88, traz duas reportagens especiais sobre o tema: o árduo mercado do futebol, onde muitos penam e poucos são bem-sucedidos, e mais de 82% dos jogadores profissionais ganham em torno de mil reais; e as conquistas das mulheres no setor da Construção Civil, com a *Concreto Rosa*. Elas agora colocam a "mão na massa" e estão ganhando mercado. Vamos mostrar também a difícil relação dos moradores da Maré com duas empresas que prestam serviços públicos, a Light, na energia elétrica; e a CEDAE, nas águas e esgotos. As reclamações são muitas. No Carnaval, por exemplo, algumas áreas da Maré ficaram 48 horas sem energia, às escuras! Vamos falar sobre a relação entre Educação e Violência. Os danos aos estudantes vão do emocional ao aproveitamento escolar. Uma questão muito séria. Temos ainda uma reportagem sobre as Leis 10.639 e 11.645, a primeira completando 15 anos. Você a conhece? É aquela Lei que determina que todos os alunos da rede pública ou privada estudem a História da África e a Cultura Africana. Segundo o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os negros correspondem a 54% da nossa população. No entanto, nesses 15 anos a aplicação da Lei vem enfrentando problemas em muitos lugares. E tentamos descobrir o porquê. Você já ouviu falar na Declaração Universal dos Direitos Humanos? Ela está completando 70 anos e tem como princípio garantir, em qualquer lugar do planeta, direitos básicos aos cidadãos, como liberdade religiosa, liberdade de expressão, entre outros, e um direito que, infelizmente, na Maré, é sempre desrespeitado nas operações policiais, a inviolabilidade do lar, que é sagrado, e que só pode ser quebrada com autorização da Justiça. Mas temos temas mais "leves" e boas notícias. Dez alunos do Núcleo de Formação Continuada da Escola Livre de Dança da Maré fizeram turnê de dois meses pela França, com o espetáculo *May B*, peça que é considerada uma obra-prima da coreógrafa francesa Maguy Marin, com mais de 700 apresentações desde 1981. Além disso, traçamos o perfil de uma das figuras mais conhecidas e emblemáticas da Maré, Seu Joaquim, testemunha dos primeiros tempos de dificuldades e de muita esperança. E pra fechar, as dicas culturais para quem quer se divertir perto de casa e as informações sobre as Associações de Bairro que atuam no conjunto de Favelas da Maré. Esperamos que gostem. Críticas e sugestões são sempre bem-vindas. Boa leitura.

Siga a redes da maré nas Redes Sociais
www.facebook.com/redesdamare
www.instagram.com/redesdamare
www.twitter.com/redesdamare
e fique por dentro das novidades!

HUMOR - ENQUANTO ISSO NA FAVELA



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO: redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA: actionaid

UMA INICIATIVA:
Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:
Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Helena Edir

APOIO:
16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITOR EXECUTIVO E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Jorge Melo
(Mtb 38915/RJ)

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
Daniele Moura
(Mtb – 24422 /RJ)

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Maria Morganti
(Mtb - 39043/RJ)
Felipe Rebouças
(Estagiário)

FOTÓGRAFOS
Elisângela Leite
Douglas Lopes

REVISORA:
Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO
Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO
Filipe Almeida

IMPRESSÃO
Folha Dirigida

TIRAGEM
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: **www.redesdamare.org.br**

/redesdamare /redesdamare @redesdamare

O mundo na ponta dos pés

A Escola Livre de Dança da Maré conquista a França

ADRIANA PAVLOVA

Foi árdua a preparação para a aventura artística que uniu a Maré à França nos passos de dez alunos do Núcleo de Formação Continuada da Escola Livre de Dança da Maré, desde fevereiro. Primeiro, quase um mês de treinamentos diários no Centro de Artes da Maré-CAM, sob as ordens da francesa Isabelle Missal e da brasileira Amália Lima. Depois, mais três semanas de ensaios no *Ramdam Centre d'Art*, em Lyon, França, com as presenças das coreógrafas Maguy Marin (francesa) e Lia Rodrigues (brasileira). Tudo isso para a estreia do espetáculo-projeto *De Ste Foy-lès-Lyon* à Rio de Janeiro, *May B à la Maré, une fraternité*, remontagem com os jovens da Maré de *May B*, obra-prima de Maguy Marin, e até hoje peça-fetiche de programadores de dança de todo o mundo, com mais de 700 apresentações, desde 1981.

Rota francesa

A estreia em Lyon, no fim de março, deu início à turnê de *May B à la Maré* por seis cidades francesas, com apresentações até o começo de maio, incluindo cinco no *Centquatre-Paris*, onde o grupo também fez ensaios e aulas abertas ao público. Trata-se de um presente de Maguy para o projeto de formação idealizado por Lia Rodrigues e pela professora Silvia Soter, que faz parte da parceria da Companhia de Dança da coreógrafa brasileira com a Redes de Desenvolvimento da Maré.

Maguy cedeu os direitos desta montagem de *May B* e ainda deu figurinos completos ao projeto brasileiro, que conta com os dez alunos do grupo avançado de formação e mais cinco escolhidos numa audição no ano passado - tudo funcionando sem financiamento brasileiro, atualmente. A Fundação francesa *Hermès* é apoiadora desde o início do projeto.

"Em tempos em que em todos os lugares do mundo são construídos mais muros, propomos um movimento inverso, descobrindo novas possiblidades de trocas e colaborações", diz **Lia Rodrigues** que, no final das três apresentações em Lyon, falou ao público sobre o projeto na Maré e a parceria com a Redes.

May B é uma obra em que dez personagens esquisitos (tem gorda, velha, gente torta, todos com as faces brancas de argila e roupas imundas), inspirados no *Teatro do Absurdo* de Samuel Beckett, parecem buscar sentidos para o mundo. É tudo coreografado do começo ao fim, com atuação teatral dos intérpretes, algumas falas em francês, gritos, caretas, ao som de uma trilha lírica.

Profissionalismo e solidariedade

Em 1981, dançando no grupo de Maguy, Lia ajudou a conceber *May B*. Agora, nesta nova montagem, seu papel coube a **Luciana Barros**, moradora da Maré e integrante do Núcleo de Formação desde 2012. Atraída para a Escola Livre de Dança depois de ter dançado no grupo amador da Igreja Batista do Parque União, hoje, Luciana, assim como todos os seus outros nove colegas de cena, vive e pensa a dança de forma profissional.

"Tivemos uma aula, no início do projeto, em que a professora falou sobre a Maguy e saí pesquisando esta dança mais teatral. Hoje parece um sonho estar aqui ao lado dela, ensaiando", conta Luciana.

Depois da viagem à França, o grupo está muito mais unido: "ficar tanto tempo juntos trouxe um sentimento ainda mais forte de coletividade. Teve um dia, nos ensaios na França, que esqueci minha comida, e todos deram um pouco do que tinham levado, porque não daria tempo de sair e comprar algo", conta **Luyd Carvalho**, 21 anos.

May B, une fraternité não tem data certa para ser apresentada no Brasil, mas, pelo que Lia Rodrigues planeja, deve chegar no Centro de Artes da Maré em 2019.

Muito suor e histórias

O Núcleo de Formação Continuada da Escola Livre de Dança da Maré já tem muita história em seis anos de trabalho. Depois que começaram a fazer aulas no CAM, todos os dez veteranos foram aprovados também nos cursos de Bacharelado ou Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

SAMMI LANDWEER

Bailarinos da Escola Livre de Dança em apresentação da peça *May B* em Lyon, na França

Light e Maré: discutindo a (difícil) relação

Moradores reclamam de falhas no atendimento da Companhia

HÉLIO EUCLIDES

Desde o tempo das cabines de luz, na Baixa do Sapateiro, até os dias de hoje, com a distribuição individual, por meio de medidor, muita coisa mudou. Mas os problemas continuam; só que agora são outros, como a demora no atendimento da Light, Empresa responsável pela distribuição de energia elétrica na cidade do Rio de Janeiro e outros municípios. Um exemplo foi a falta de energia causada pela chuva de 14 de fevereiro. Alguns bairros foram atendidos na manhã seguinte, mas a Maré ficou 48 horas às escuras.

"A obrigação da Light era atender igualmente a todos os cariocas, mas não faz. Os últimos acontecimentos mostram isso, em fevereiro foi um descaso de dois dias! Depois ficamos três dias sem luz, em março, com um cabo no chão, trazendo riscos. E em abril foram mais três dias. Ao ligar, não queremos promessas e, sim, o conserto. Se há medo de entrar, que tenham um contato direto com o morador. O serviço oferecido precisa levar em conta que há inúmeras casas de quatro andares que utilizam bomba hidráulica e ar condicionado", relata **Renan Santos**, morador da Via C2, próximo ao Parque Ecológico, na Vila do Pinheiro.

O valor das contas e do serviço

Na Maré, o serviço de manutenção é realizado pela empresa terceirizada Medral. Esse serviço é criticado pelo eletricista **Severino Batista**: "o atendimento aqui na Maré não é bom, é preciso ter cabos diretos, sem emendas. Por outro lado, os fios que levam energia às casas precisam de conectores, mas alguns eletricistas da comunidade ainda fazem sem o devido equipamento". Para **Cláudia Santana**, presidente da Associação de Moradores do Parque Ecológico, a falta de energia é causada pelas redes antigas e danificadas. "Acho que falta investimento, em especial aqui na favela. Somos sempre informados que falta cabo novo para a Maré".

Cláudia aponta outra dificuldade, que é a quitação da conta. "Uma problemática é o não pagamento das contas; falta uma conscientização da Empresa, para a criação de uma taxa fixa. Outro agravante são os *gatos* que, mal feitos, sem os conectores, deixam os cabos danificados". A questão dos *gatos* é antiga e polêmica. "Há 17 anos, a Empresa pegou um *gato* na minha instalação elétrica. Recebi uma multa. Se a concessionária conhecesse a comunidade, iria ver que muitos não têm relógio ou fazem *gatos* por causa do valor alto das contas", argumenta **Ismael Martins**, morador de Marcílio Dias.

Valtemir Messias, o *Índio*, presidente da Associação de Moradores da Vila do João, também vê outros problemas no serviço prestado e faz sugestões para a melhoria do atendimento: "aqui há cabos de baixa tensão, postes e transformadores para trocar. Sobre a reclamação pela demora no atendimento, a nossa comunidade já teve uma ação pública que dava prazo de 12 horas. Acho que hoje deve ser feita uma ação coletiva para toda a Maré".

ELISÂNGELA LEITE

Moradores reclamam de transformador que vaza óleo na comunidade Rubens Vaz

No Conjunto Esperança, as chuvas de 14 de fevereiro ainda causam problemas. "Precisamos de poda de árvores, que após as chuvas de fevereiro encostaram nos cabos e causam problemas", reclama **Pedro dos Santos**, presidente da Associação de Moradores.

Anizete Guilherme, da Rua Massaranduba, no Rubens Vaz, diz que já não dorme tranquila. "Pago mais de 100 reais de luz, não tenho *gato*. Não aceito que tenha um transformador na minha porta que vaza óleo. Já liguei mais de dez vezes para a Light, e ela não faz nada. Quando vaza, sai fumaça, e isso pode causar um incêndio, tenho medo que exploda".

Os postes de madeira

Jupira dos Santos, presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias, acredita ainda ter 30 postes de madeira na sua comunidade. "Desses, quatro estão podres, têm caráter emergencial para a troca, senão vão cair na casa de morador", avalia. A realidade, segundo os moradores é que os postes de madeira são antieconômicos "Para substituir os postes de madeira, ficamos sem energia um "tempão", um transtorno. Já foram trocados três vezes. Quando chove a rua inunda, a água chega ao poste e com o tempo fica

podre", explica **José Helvécio**, da Rua José Sarney, em Marcílio Dias.

Um dos postes se encontra torto, relatam moradores de Marcílio Dias. "A situação é horrível, já trocaram o poste de madeira, mas sempre fica torto, não sei como não caiu. Os fios estão pendurados. Nos temporais, fico com medo. Quando vai aparecer alguém para trocar?", pergunta **Sergio Noronha**, da Rua José Sarney. Já **Reinaldo Almeida**, também morador da Rua José Sarney, avalia o trabalho da Light: "quando falta luz, até que a Empresa atende rápido, acredito que seja por causa do Mercado São Sebastião. Mas na questão dos postes de madeira tenho medo que caiam em cima da gente, ou dos carros que passam". **Ramos Pereira**, da Rua Dalva de Oliveira, em Marcílio Dias, tem um poste em frente de casa. "Esses postes se tornaram um perigo para as crianças. Fico com a mente pesada de preocupação. O ideal é um poste de concreto".

Para **Vilmar Gomes**, o *Magá*, presidente da Associação de Moradores de Rubens Vaz, há a necessidade de troca de cabos na Rua Massaranduba e Rua do Canal. Mas ele também vive o dilema dos postes: "ainda são de madeiras, defasados e podres, e outros de concreto precisam também ser trocados". Isso ocorre na Rua João Araújo também. "Esses postes de madeira são quase da inauguração da favela, do tempo do ronca", lembra **Armando Luiz**, morador da mesma Rua.

ELISÂNGELA LEITE

Postes danificados representam perigo para a população

As explicações da concessionária

A Assessoria de Imprensa da Light informou que o fornecimento de energia na Maré é diretamente prejudicado pelas ligações clandestinas na comunidade, que sobrecarregam os equipamentos e, consequentemente, causam a queima de transformadores e cabos. Completa que a Light atua no combate ao furto de energia, e que a perda na Maré está em 79,27%. Especificamente na Maré, a Empresa vem investindo na robustez da rede elétrica, que atende os clientes da Companhia na região, para diminuir as ocorrências.

A Assessoria de Imprensa da Light ressalta ainda que, devido às condições de segurança, muitas vezes a Light não consegue atuar na comunidade, tanto para realizar serviços de campo, como para desenvolver projetos de eficiência energética. E que a Empresa mantém um programa de manutenção em toda a sua área de concessão. Sobre o atendimento, informa que atualmente quase todos os serviços podem ser pedidos *on-line*, pela Agência Virtual (**www.agencia-virtual.light.com.br**), sendo necessária a presença do cliente nas lojas da Light apenas para alguns serviços, como pedidos de ligação nova e alteração de carga.

Como acessar a Light:

- @lightclientes
- lightclientes
- **Disque-Light Comercial:** 0800 282 0120
- **Disque-Light Emergência:** 0800 021 0196
- **SMS:** para informar falta de energia, envie apenas o seu código da instalação por SMS para 54448 ou pelo Twitter, enviando por DM (mensagem direta) "#luz código da instalação".

ELISÂNGELA LEITE

Vários postes apresentam risco de cair na Rubens Vaz

Um passado de problemas

Atanásio Amorim, alfaiate, recorda do tempo que foi presidente da Associação da Baixa do Sapateiro, no final dos anos 1960. Na época, a energia era fornecida por cabines de luz, cada uma gerenciada por um morador. "Tinha a do Pedro Torres, do Cícero Humanitário, e do Celso Carvalho. Essa última era muito boa, já a do Cícero era fraca", relembra.

"Celso deixou a dele com os outros para tomar conta e apareceram extensões, que não pagavam, e a Light cortou. Formamos uma comissão, e fomos até o Celso. Ele nos entregou a rede. Descobrimos que, de um total de 80 usuários, 25 eram *gatos*. Pagamos a dívida e transformamos em cabine Santa Luzia". Com o ato, Atanásio participou da comissão de luz por três anos. "Com o tempo, a comissão municipal ficou com as cabines, e queriam a nossa, não demos", comenta.

Para resolver a situação, ele foi à Secretaria Municipal de Energia e descobriu que existia uma ordem de prisão por rebeldia. "Expliquei que existiam 53 associados da cabine e que tínhamos pago 1.500 cruzeiros. Lá, fiquei sabendo que o senhor Celso não podia vender. Falei que só entregava se nos indenizássemos. Aceitaram e veio a indenização e a carta de prisão foi-me entregue para guardar de recordação".

Estudantes da Maré sofrem com a violência

Em 2017 foram menos 35 dias de aula por conta dos confrontos armados

MARIA MORGANTI

Se o mesmo aproveitamento do ano letivo de 2017 se repetisse nas escolas da Maré, os estudantes teriam, ao longo dos 14 anos da Educação Básica, dois anos e meio a menos de escolarização que o estabelecido pelo Ministério da Educação. É o que revela o *Segundo Boletim Direito à Segurança na Maré,* realizado pela Redes da Maré. De acordo com o Documento, foram 35 dias sem aulas, 17,5% a menos que os 200 dias letivos obrigatórios, por causa de confrontos armados e operações policiais.

Crianças sobressaltadas

Conforme dados da Secretaria Municipal de Educação, 8.466 estudantes ficaram sem aulas em dias como esses no ano passado. **Gisele Alves**, 26 anos, moradora da Rubens Vaz, é mãe de dois desses alunos, Gabriel e Rafaelly Santos, de 7 e 4 anos. Ela conta que, além do medo do tiroteio, fica tudo mais difícil: "fica difícil, porque trabalho e só posso contar com a minha mãe pra ficar com eles. E ela já tem uma filha especial para cuidar. Além de prejudicar o desempenho de cada aluno".

Para a psicopedagoga **Waldirene Araujo**, a violência e o estado de tensão gerados pelos conflitos armados e operações policiais afetam até os dias em que as aulas acontecem normalmente. "Num ambiente como este, as crianças sentem-se sempre sobressaltadas. Aliás, toda a comunidade escolar sente-se alerta todo o tempo".

Com a violência perdem todos

Uma professora de uma creche municipal da Maré, que pediu para ter a identidade preservada, diz que "quando tem muitos confrontos seguidos, as pessoas comentam muito que sentem vontade de pedir transferência para fora".

Em sala de aula também há muitos sinais da violência. "Todo dia tenho de pedir para não brincar de arma, porque eles brincam, sim. Mas a gente não pode dizer que é uma questão só do lugar onde eles moram. Tem programas de televisão e desenhos que envolvem essa questão também. Mas todo brinquedo que eles pegam, querem fazer uma arma para poder brincar de dar tiro".

No fim do ano passado, o Colégio Santa Mônica que, desde 2002 ocupava uma Unidade no 2º andar da Paróquia Jesus de Nazaré, na Baixa do Sapateiro, fechou. Os diretores da escola, que tinha 220 alunos matriculados e empregava 20 funcionários, disseram à época que o motivo era "a situação de crise no País". Porém, um ex-funcionário entrevistado pelo repórter Hélio Euclides, do Maré de Notícias, revelou que "a violência foi a gota d'água".

DOUGLAS LOPES

Num ambiente de violência e tensão, as crianças se sentem sobressaltadas

No dia 6 de fevereiro, uma terça-feira, 40 unidades escolares fecharam as portas por causa de uma operação realizada pela Polícia, de manhã. Sem aula, Jeremias Moraes, de 13 anos, aluno do CIEP Hélio Smidt, na Rubens Vaz, foi jogar bola. Um tiro que partiu de um *caveirão*, que entrava na Nova Holanda, o atingiu pelas costas. Foi levado para o Hospital Souza Aguiar, mas chegou sem vida.

Nenhum a menos

Para diminuir o impacto das violações de direitos, foi criado em agosto de 2014 o projeto *Nenhum a Menos,* que atende cerca de 50 crianças de 8 a 12 anos. Segundo **Inês Cristina Di Mare**, coordenadora do projeto, o objetivo principal da iniciativa é alcançar crianças que estão fora da escola, com dificuldades de frequentar as unidades ou que vão, mas não conseguem aprender. "Nós atendemos as famílias das crianças com a equipe social para entender o que está acontecendo ali. Muitas vezes, a Educação aparece quase por último na lista de problemas que a família tem para resolver".

Inês fala, emocionada, sobre a transformação que o *mundo do conhecimento* traz para crianças que se alfabetizaram no projeto, que funciona na Biblioteca da Lona Cultural Hebert Vianna. "A gente está conseguindo perceber um certo impacto na qualidade da aprendizagem da leitura e da escrita dessas crianças. A gente já fez *rap*, *funk*, estamos gravando audiovisual, eles estão vibrando em experimentar as coisas. O que eles estão aprendendo está servindo para eles usarem na vida e na transformação desse território", avalia.

Direitos para todos os Humanos

O respeito à Lei não significa apoio à impunidade

MARIA MORGANTI

"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos". Assim determina o 1º artigo de um dos documentos mais traduzidos da História - cerca de 500 idiomas -, e que, em 2018, completa 70 anos: a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Essa Carta inclui ainda afirmações como "ninguém sofrerá intromissões arbitrárias no seu domicílio".

A Declaração nasceu três anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1948. Mais de 6 milhões de judeus foram assassinados em campos de concentração alemães. Segundo o historiador **Luiz Antonio Simas**, "as nações estavam chocadas".

A Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1945, estabeleceu regras para que todas as pessoas, em qualquer lugar do mundo, tivessem os direitos básicos garantidos. O Brasil assinou esta Declaração e cumpriu um papel tão importante que, até hoje, o presidente brasileiro é o primeiro a discursar nas suas Assembleias Gerais, que acontecem todos os anos, em dezembro.

Direitos Humanos?

Perguntamos a três pessoas da mesma família o que cada uma pensava sobre Direitos Humanos. "Direitos Humanos na minha cabeça... Não sei se é o certo, porque eu não entendo. É como se fosse direito de igualdade. Liberdade de expressão, né?!", afirmou **Lídia Araújo**, 21 anos.

A Declaração inspira as leis que regem nações, no caso do Brasil, a Constituição Federal de 1988. Os cidadãos têm deveres e direitos, como os que a Lídia citou. E mais: políticos, como o direito ao voto. E sociais, que garantem, por exemplo, o direito à Segurança pública e à Educação.

Por isso, existem normas para a ação das Polícias e também da Justiça, como o *habeas corpus*, que impede que a prisão possa ser usada para pressionar o suspeito a uma confissão. Todos são inocentes até que se prove o contrário.

Mas a falta de conhecimento sobre os direitos do cidadão pode levar a percepções como as de **Reinaldo Araújo**, 18 anos, primo de Lídia. Ele diz que as regras dos direitos humanos são "muito usadas nas prisões de meliantes menores de idade, que furtam, roubam, fazem esse tipo de coisa."

Os Direitos Humanos no dia a dia

trespeito aos direitos humanos atrapalha o combate ao crime". Os dados são da pesquisa *Olho por olho? – O que pensam os cariocas sobre 'bandido bom é bandido morto'*, realizada pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, da Universidade Cândido Mendes, divulgada em março do ano passado.

No entanto, o estudo, coordenado pela socióloga Julita Lemgruber, também revela que 60% dos entrevistados discordam da frase "bandido bom é bandido morto".

O historiador Luiz Paulo Simas diz que essa ideia é resquício do período em que o Brasil viveu a ditadura militar, entre 1964 e 1985. "Essa ideia de 'bandido bom é bandido morto', aqui, é muito vinculada ao período militar, quando existiam os esquadrões da morte".

> **"Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos"**

Ao contrário do que muitos pensam, as entidades de Direitos Humanos não defendem a impunidade. Exigem que a Polícia cumpra a lei. E ao prender um suspeito, conduza-o a uma delegacia e cumpra os trâmites legais, a partir da apresentação de provas. Ou seja, siga as regras do Estado Democrático de Direito.

O irmão mais velho de Lídia, **Everton Araújo**, 26 anos, foi o único que tinha conhecimento da existência da Declaração, "mas não sei o conteúdo, nem nunca parei para ler". Na opinião dele, "todo cidadão tem direito a ter o básico para a sobrevivência, para ter responsabilidades, né?! Para ser culpado de alguma coisa ele precisa ter todos os direitos humanos que todas as pessoas devem ter".

Como já deve ter dado pra perceber, muitas regras que estão na Declaração não são respeitadas. Na Maré, por exemplo, são frequentes os relatos de residências invadidas durante as operações policiais, só para ficarmos num único exemplo.

O Concreto é rosa, *mano*!

As mulheres estão conquistando o mercado da Construção Civil

MARIA MORGANTI

Uma avalanche feminina. A presença das mulheres no mercado de trabalho formal alcançou 44% das vagas, segundo dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged), de 2016. No entanto, essa presença é mais tímida em áreas como a da Construção Civil. Pelos dados do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2009 o setor registrou um aumento de 32,65% nas contratações e 7,78% eram mulheres. No entanto, esse quadro está em fase de transformação acelerada. Entre 2007 e 2009, o número de mulheres contratadas nas empresas da Construção cresceu 44,5%. No estado do Rio de Janeiro, a Lei 7.875/2018, aprovada em março deste ano, prevê qa reserva de 5% das vagas de emprego em obras públicas para mulheres.

Para **Geisa Garibaldi**, 33 anos, fundadora do projeto Concreto Rosa, que oferece serviços de construção, reforma residencial, pintura, hidráulica e elétrica, feitos por mulheres, desde 2015, esses números significam apenas o reconhecimento de um processo que já acontecia. "Nós, mulheres, influenciamos 80% de uma obra, porque é a gente quem decide, no dia a dia, desde a cor do quarto do bebê, até onde é que vai ficar a cortina, a janela, o piso. Ou seja, a gente só não *metia a mão na massa*. Só que o mercado não reconhece que a mulher tem essa influência, e ele ainda foca muito na coisa do homem, da masculinidade".

O que diz a História

A historiadora **Mary Del Priory** explica que "a Construção Civil sempre foi associada à força masculina. No Brasil, principalmente a partir dos anos 1960 e 1970, com o marco da construção de Brasília, foi o momento que a televisão chegava aqui e começaram a se propagar as imagens de homens construindo e trabalhando. E tudo isso, tendo origem na Medicina da Antiguidade, que afirmava que a mulher era 'um homem inferiorizado', e que elas tinham 'ossos mais moles', 'músculos rompidos'. Por isso que a introdução da presença de mulheres nesse meio é revolucionária", afirma.

Trabalho, confraternização e ritual

No caso de Geisa Garibaldi, a pioneira do ofício e inspiração para ela foi a mãe, Anita Garibaldi, falecida há poucos anos. Dona Anita chegou a construir um barraco de madeira com a ajuda dos filhos e estabeleceu como ritual de fim de ano a pintura da casa, com a ajuda de todos os seis irmãos de Geisa.

"Ela era uma mulher que *metia a mão* e fazia tudo. Eu me lembro sempre dela levantando alicerce, puxando tomada, carregando cimento, tijolo. Ela trouxe a gente para a realidade. Ela sempre teve a preocupação de manter as coisas funcionando. Foi com ela que eu aprendi esse tanto, muito pela questão da sobrevivência. Quando você não tem o que fazer, você não tem para onde correr, tem de *meter a mão*. A gente pintava a casa todo ano, era sagrado, era o momento de confraternização; na época, a gente fazia com cal, porque a tinta era muito cara. Todo mundo pintava, eu, os meus sobrinhos, a casa ficava linda no início do ano, era um ritual e eu achava isso muito bonito. A minha construção foi toda a partir daí. Mas mesmo assim eu nunca tinha visto a possibilidade de trabalhar com obra".

Geisa conta que sempre fazia reparos para os amigos, consertava descarga, fazia consertos gerais, levantava lajes, mas nunca achou que aquele podia ser seu trabalho e fonte de renda. "Eu trabalhei em tudo quanto era coisa, já vendi *esfiha* na praia, calcinha, já fiz teatro, três peças, fui recepcionista, vendedora, um monte de coisas. Mas não me enquadrava em nada, achava tudo vazio".

ELISÂNGELA LEITE

Geisa Garibaldi fundou a Concreto Rosa há três anos e se inspirou na mãe, que *botava a mão na massa*

Nasce a *Concreto Rosa*

A grande virada do amadorismo, da realização dos bicos para a profissionalização, que resultou na criação da *Concreto Rosa*, aconteceu em meio a uma crise existencial. Geisa queria dar uma guinada na vida. Foi então que, num grupo de mulheres da rede social *WhatsApp*, viu um anúncio de vagas abertas para um curso de pedreira só para mulheres. Era o projeto *Mão na Massa*, idealizado pela engenheira Deise Gravina. "Eu pensei: eu sei fazer tudo isso, só preciso do certificado. Vou me inscrever, me formar, trabalhar e comprar uma moto", relembra, às gargalhadas.

Quem vê Geisa, hoje, em plena fase de crescimento da *Concreto Rosa*, não pode imaginar as dificuldades que enfrentou. No Curso, eram mais de 400 inscritas para 70 vagas. A empresária não passou no teste de primeira, mas ligou quatro dias consecutivos, até que houve uma desistência e ela foi incluída no grupo de estudantes.

O primeiro dia do Curso foi o mais difícil. A jovem catou moedas para completar o valor da passagem. Para seu alívio, nos dias seguintes isso não foi necessário. O Curso fornecia as passagens e as primeiras ferramentas. A vontade de trabalhar em uma empresa foi ficando para trás, aos poucos, quando Geisa percebeu que poderia unir o seu trabalho à militância no Feminismo, que já exercia há alguns anos. Assim nasceu a *Concreto Rosa*, que já tem quatro funcionárias. O nome foi decidido com a ajuda da namorada e do melhor amigo. O volume de trabalho obrigou Geisa a formalizar o negócio como uma microempreendedora individual e até a fazer um curso para especialização na área, "para aprender a gerir um negócio", como conta.

ELISÂNGELA LEITE

Uma das quatro funcionárias da *Concreto Rosa* trabalhando na Casa das Mulheres da Maré

Tatiana Cristina, uma das profissionais que prestam serviços para a *Concreto Rosa*, conheceu Geisa num curso de hidráulica. "Conversávamos sempre sobre a intenção de abrir nossa própria firma. Quando ela iniciou, eu ainda estava trabalhando em outra empresa, como encarregada. No término da obra, me juntei a ela. Hoje estamos aí, na correria".

ELISÂNGELA LEITE

A luta contra o machismo

Apesar de já existirem diversos coletivos como a *Concreto Rosa*, no Rio, como o *Ela Repara*, além de outras iniciativas no Brasil inteiro, que integram o projeto *Se Vira, Mulher*, a *SOS Gurias*, no Rio Grande do Sul, e o *Entre Minas,* na Bahia, Geisa lembra que ainda é preciso encarar manifestações machistas no dia a dia: "eu fui comprar um martelo, aí o vendedor disse, 'esse é mais pesado, é pra homem'. Aí eu disse que trabalhava com obra, que precisava usar um martelo maior, melhor. Eles têm uma tendência de achar que sabem o que é melhor pra você. Isso é unânime. Raramente eles têm a humildade de tentar ver o outro lado".

Mas nada que desanime Geisa, que está trabalhando para a *Concreto Rosa* se transformar em microempresa e tornar-se um negócio marcado pela diversidade, com mão de obra de mulheres transexuais, inclusive. Ela planeja fazer também uma parceria com a escola que a formou, a *Mão na Massa* que, atualmente, está parada por falta de financiamento, para capacitar outras meninas.

Quando o futebol é desilusão

Meninos lutam por um sonho, mas não conseguem driblar as armadilhas

HÉLIO EUCLIDES

"Amor, ele está chutando". "Esse meu filho vai ser jogador de futebol"!

Esse é um diálogo muito comum entre as grávidas e seus companheiros. Ainda na barriga, o bebê do sexo masculino já tem de lidar com a expectativa dos pais de entrar no mercado do futebol, ficar milionário e virar celebridade internacional, afinal o Brasil é o "país do futebol". Contudo, a realidade mostra que, para a maioria, ser um jogador de futebol não é um "mar de rosas". O desejo de ter fama e muito dinheiro é pura ilusão. Num universo de 28 mil jogadores profissionais do País, 23.238, equivalentes a 82,40%, recebem apenas R$ 1.000,00, segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol.

Nivaldo João da Silva, o *Godoy*, de 55 anos, é um exemplo das dificuldades do futebol. Começou a jogar na Portuguesa, com 14 anos, no infantil, em 1977. Aos 17 anos foi para o juvenil do Olaria, onde ficou por quatro anos. Depois foi para o Mesquita, por empréstimo, onde chegou a ser campeão. E não parou por aí, com passagem pelo Rubro, Araruama, Vila Nova de Goiás e Rio Branco do Espírito Santo. "Aos 24 anos perdi a paciência, cansei dos empréstimos do Olaria, que eram sempre de seis meses. Não quis saber de jogar futebol, só cuidar da minha filha, que na época tinha dois anos". *Godoy* conta que depois do prematuro encerramento de carreira, virou comerciante na Praia de Ramos e atuou em dois projetos de escolinhas. "O que ganhei foi amizade, como Ailton (Flamengo) e Gonçalves (Botafogo). Cheguei a jogar com eles no início de carreira; tiveram mais sorte. Entendo que é preciso acreditar no sonho de ser jogador profissional. Mas é necessário preparar o garoto para saber que, numa *peneira*, em que existem 100 meninos, vão ser aprovados um ou dois. Ele precisa ter talento, mas saber que o futebol é competitivo e complicado".

ELISÂNGELA LEITE

Atletas do Clube Real Maré batem bola na Vila Olímpica. Ao todo, são 60 jovens que sonham com o futebol profissional

Ele adverte que é preciso ter dinheiro no início da carreira, para transporte e alimentação. Outra dificuldade que relata são os contratos de curto prazo, em clubes pequenos, com salários baixos. "É difícil e sacrificante chegar a jogar num clube de 1ª divisão. Hoje tem jogador sem emprego, que o sindicato mantém e indica para um clube. O ideal é o menino estudar, não só para ter uma profissão, mas para ser um bom cidadão, antes de ser um bom profissional", adverte o ex-jogador que concluiu o Ensino Médio.

O vaivém nos clubes

No passado, era comum encontrar jogadores que passavam a vida toda em um mesmo clube. Hoje isso é quase impossível. **Leo Oliveira**, 35 anos, começou a mostrar seu talento aos nove anos, numa escolinha na Nova Holanda. Depois foi para o São Cristóvão, em 1999. Mesmo clube no qual começou Ronaldo *Fenômeno*. Saiu do Estado e foi jogar no Veranópolis, do Rio Grande do Sul. Depois seguiu para o Leopoldina, de Minas Gerais, e retornou ao Veranópolis. Em 2002, se tornou profissional, no Tupã, de São Paulo, jogou a Copa São Paulo de Juniores e partiu para o Marília, também de São Paulo.

Leo voltou para o Rio de Janeiro, jogou no Nova Iguaçu e, em 2006, chegou ao Flamengo, mas não conseguiu se firmar. Em seguida foi para o Gama, do Distrito Federal. Regressou ao Rio para jogar na Portuguesa, Mesquita e Madureira. Retornou para Brasília, onde defendeu o Brasiliense. Nesse vaivém, circulou ainda pelo Duque de Caxias, América, Bonsucesso, Volta

Redonda e Olaria. Em 2015, foi para o Espírito Santo e jogou em dois clubes, Rio Branco e Real Nordeste. No ano passado jogou no Americano, de Campos, e no Peñarol, do Amazonas. Este ano está sem clube.

"Esse vaivém me prejudicou, tive de parar os estudos na 7ª série, agora penso em terminar. O futebol sempre foi injusto, você pode jogar bem, mas precisa de empresários para valorizá-lo no mercado. É preciso ter vontade, pois tem coisa que desanima, já que o empresário influencia para ajudar, mas também para te tirar de clube. O empresário rouba o sonho das crianças, ele visa só ao dinheiro", denuncia Leo. Em palestras que realiza, ressalta que o garoto precisa estudar para não depender só do futebol para sobreviver.

Para ele, a família precisa incentivar o garoto a estudar, pois a carreira é curta, já que, além da idade, o jogador tem de lidar com as lesões. "O problema é que hoje o menino quer ser milionário, e não apenas ganhar um dinheirinho. No meu caso, valeu a pena investir no sonho, pois consegui ser um jogador profissional e ter uma casa própria".

O Futebol na Maré

O Real Maré é um dos quatro clubes do conjunto de favelas. Ele disputa competições, como o Torneio Seletivo da Copa Rio e o Carioca Amador da Capital. O clube tem mais de 60 atletas, sendo sete do Maranhão. Um deles é **Gabriel Oliveira**, 17 anos, que está na cidade há quatro meses. "No Nordeste é difícil demais, não tem tantos clubes. Resolvi vir buscar o meu sonho, na esperança de conseguir o objetivo. Mas não parei de estudar, estou no 2º ano do Ensino Médio. Caso não consiga nada no futebol, pretendo fazer faculdade de Educação Física e conseguir um emprego num clube como preparador físico", relata.

Para **Cecílio Marques**, 29 anos, treinador do clube, cada um precisa *matar dois leões por dia*. "No mundo do futebol dificilmente todos vão virar profissionais. Acredito que chegue a 10%; o que distancia são as dificuldades com transporte e patrocínio, que deixam o atleta sem o conforto necessário". Ele entende que cada um tem o objetivo de ser visto por clubes maiores, mas não é fácil.

Sidnei Alves, 55 anos, presidente do Real Maré, diz que são 20 anos de luta. "Falta financiamento; fomos convidados para ir a Minas Gerais e Argentina, mas faltou dinheiro para as passagens. O futebol é complexo, acham que ganho dinheiro aqui, não sabem que tem dia de dificuldade para comprar o pão. Algumas mães chegam aqui com contratos de empresários que desejam tirar tudo do aluno. Ele quer ganhar dinheiro em cima do atleta, são *enrolões*", adverte.

Outro que realiza este tipo de trabalho na favela é **Alexandre Pichetti**, 40 anos, sendo 25 anos dedicados ao futebol, como árbitro e treinador. Ele acredita que antes era mais fácil virar profissional; hoje, o aluno bate num clube e volta para fora, em pouco tempo. "Hoje, sem empresários, os atletas no clube são meros alunos. O que falo pra eles, primeiro, é estudar, pois se não for jogador, vai ter outra profissão. Essa popularidade dos craques subiu à cabeça da garotada. Eles pensam em ser o novo Neymar, Messi ou Cristiano Ronaldo. Querem jogar com as chuteiras desses jogadores famosos, mas a condição financeira não dá, ou compram ou comem. Ensino que a chuteira não faz o jogador, melhor aprender quando criança, porque quando for adolescente, o tombo é maior", afirma.

ELISÂNGELA LEITE

A garotada da escolinha Amigos Unidos em treino no Campo da Toca

Para ser jogador é necessária ajuda financeira, são muitos gastos. O atleta só consegue receber do clube quando se profissionaliza. "Na infância, eu sonhava em ser goleiro, mas meus pais não deixavam, e tinha de trabalhar. Não tinha apoio, então pulava o muro da Estação para pegar o trem com destino a Nova Iguaçu. Um dia cansei e parti para a arbitragem, na Maré", lembra Pichetti.

As dificuldades da carreira já foram percebidas por **Alexandre Quirino**, 18 anos, preparador de goleiros da Escolinha Amigos Unidos e goleiro do Clube da Vila do João. Como goleiro, ele não está achando trabalho, então segue o mesmo destino do mestre e já procura a arbitragem como outro caminho profissional.

André de Souza, 47 anos, é pai de trigêmeos, todos na escolinha, e não foge de dar conselhos a eles. "Apoio no dia a dia deles, e não esqueço de lembrar que o estudo é o foco, pois se não for dessa área, tem de ter uma profissão".

A Federação de Futebol do Rio de Janeiro informou que, em todas as categorias no ano de 2017, 48% dos atletas receberam entre um e dois salários mínimos. Ou seja, entre R$ 954,00 e R$ 1.908,00. Para **Mauricio Murad**, sociólogo e pesquisador, o futebol só é igual à riqueza, fama e idolatria para pouquíssimos atletas: "a maioria luta, luta e o resultado é muito pequeno, quando não fica bem próximo do declínio e da depressão. Poucos ganham muito e muitos ganham pouco, como em geral no País. O futebol acaba refletindo os problemas da vida social no Brasil".

De costas para a África

As dificuldades da Lei que resgata nossas raízes africanas na Escola

JORGE MELO

Dizem que, no Brasil, existem "leis que pegam e leis que não pegam". E é, no mínimo, desconfortável reconhecer que, depois de 15 anos, Leis tão importantes quanto as de números 10.639 e 11.645 ainda não pegaram. A Lei, de 09/01/2003, inclui no currículo oficial da Rede de ensino pública e privada a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira". A Lei determina ainda que a História e a Cultura Afro-brasileira sejam ministradas no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História. Em março de 2008, a Lei recebeu um acréscimo, tornando obrigatório também o ensino da Cultura Indígena (Lei nº 11.645).

Segundo **Ana Paula Brandão**, gerente de Mobilização e Produção do Canal Futura, "a Lei foi resultado de uma luta histórica do movimento negro". De acordo com Ana Paula, "há um aspecto fundamental nessa Lei, porque altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), incluindo nos currículos da Educação Básica a temática étnico-racial de forma transdisciplinar".

Ana Paula coordenou *A Cor da Cultura*, um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, no Canal Futura e da Seppir - Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. O projeto teve início em 2004, um ano após a Lei, e produz audiovisuais e ações culturais valorizando o ponto de vista afirmativo.

De acordo com os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, divulgados em dezembro de 2015 pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os negros e pardos representavam 54% da população brasileira; no entanto, sua participação no grupo dos 10% mais pobres era muito maior: 75%. Por outro lado, a participação dos negros e pardos no grupo do 1% mais rico não chegava a 18%. Como se vê, a desigualdade no Brasil, além de enorme, tem um forte componente racial.

A realidade nas escolas

Marcelo Belford é diretor do recém-inaugurado Colégio Professor João Borges de Moraes, na Maré. Ele elogia as Leis 10.639 e 11.645 e diz que elas são muito importantes. No entanto, considera que "não vieram precedidas de uma ampla discussão com os professores, para buscar formas de compreender os desafios da implantação de novas disciplinas e um trabalho com o professor, no sentido de prepará-lo para os novos desafios".

Marcelo Belford diz ainda que inovações desse tipo precisam de formação, material didático, recursos e mesmo redistribuição da grade curricular. Mas conclui dizendo que "ainda há tempo para se rever a questão e fazer as correções necessárias".

DOUGLAS LOPES

O professor André Gomes sempre inclui a *questão negra* em suas aulas

André Gomes é professor de História no Colégio Professor João Borges de Moraes, na Maré. Segundo ele, "a Lei não pegou", porque ainda há dificuldade da própria sociedade brasileira de perceber a importância da África e do negro na formação do nosso País, "e se a gente não consegue fazer essas conexões fica difícil". André diz que nas aulas que dá, durante todo o ano letivo, sempre incluiu a *questão negra* e a importância dessa cultura, mas não pode considerar isso um programa, "é uma iniciativa pessoal".

Mudanças visíveis

Segundo **Ivanir dos Santos**, interlocutor da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa, "a questão maior é que não temos como fiscalizar o cumprimento das leis nos espaços de formação públicos e privados do País. A implementação foi estabelecida, a questão de fundo é a aplicabilidade que ainda não acontece tal como previsto na Lei".

Mas Ivanir é otimista: "é inegável que estamos tendo grandes avanços, como cadeiras docentes voltadas especificamente para História da África e História Afro-brasileira, o crescimento significativo de dissertações e teses voltadas para esse tema, livros e pesquisas publicadas e também um processo muito forte de enegrecimento da nossa juventude negra que, a cada dia, vem afirmando com maior veemência as suas raízes africanas, promovendo um fortíssimo processo de desbranquiçamento".

Das palafitas ao asfalto, *Seu* Joaquim

O paraibano chegou ao Rio em 1948 e acompanhou a construção da Maré

FELIPE REBOUÇAS

"Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão".

Quando a maré cheia inquietava a todos, quando caranguejos e humanos dividiam o mesmo espaço, desde esse tempo **Joaquim Severino da Silva**, de 87 anos, faz parte da Maré. Aos 17 anos, em 1948, migrou de Mamanguape, cidade no interior da Paraíba, para o Rio de Janeiro, em busca de uma oportunidade de emprego na Construção Civil. Em sua terra natal, Joaquim deixou os avós que o criaram, um casal de irmãos e uma plantação de grãos.

Ao chegar ao Rio, em meados do século XX, encontrou um ambiente de desenvolvimento urbano, às vésperas da Copa de 1950. Também viu duas pistas recém-inauguradas, cortando as Zonas Norte e Oeste da cidade, a Avenida Brasil. Pela Avenida, Joaquim chegou à Maré e foi atrás de *João Gordo*, figura importante para os retirantes que chegavam. "Todo nordestino que vinha tinha seu endereço e procurava por ele", contou *Seu* Joaquim.

O paraibano conseguiu emprego numa Construtora, em São Cristóvão; também colaborou na construção de palafitas: "quando a maré enchia, a gente tinha de se ajeitar para não se molhar muito", relembrou. Mas depois de dois anos dormindo de forma improvisada, a saudade do Nordeste bateu e o aventureiro retornou a Mamanguape, próximo de completar 20 anos de idade, em 1950.

De volta ao aconchego

Na cidade de origem, Joaquim conheceu Luzia. No dia 19/02/1956 eles se casaram. Tiveram três filhos: duas meninas e um menino. Depois de uma década na calmaria, Joaquim decidiu retornar ao Sul. Em junho de 1961, 13 anos depois, retornou ao Rio de Janeiro, sem esposa e filhos, e se deparou com uma Maré que mudava rapidamente. Ele seguiu trabalhando como pedreiro em algumas regiões da cidade, mas nunca abandonou os serviços na Maré. As comunidades do Parque Maré, Morro do Timbau e Baixa do Sapateiro, ocupadas e instituídas durante a primeira passagem de Joaquim pelo Rio, já estavam consolidadas. Parque Rubens Vaz e Parque União eram novidades. E a extinção das palafitas era questão de tempo na medida em que os caminhões carregados de terra eram mobilizados pelos moradores da Avenida em direção ao mangue. "Começamos a aterrar e subir os barracos nas ruas Oito, Oliveira, Beira-Mar e Nova", conta, entusiasmado.

Joaquim conseguiu dinheiro para alugar uma casa em Cordovil e comprar quatro passagens de Mamanguape para o Rio de Janeiro. Luzia e os filhos vieram se aventurar no Sul. O País passava por um período desenvolvimentista, caracterizado pelas grandes obras, que prometiam emprego e mais mobilidade nos centros urbanos, especialmente nas capitais do Sudeste. Diversas favelas do Rio sofreram remoções, deslocamentos forçados e um incêndio – até hoje não explicado. A favela da Catacumba, em 1967, foi devastada pelo fogo, onde hoje é um parque público.

ELISÂNGELA LEITE

"Todos os meus filhos estudaram aqui e, graças a Deus, estão todos formados."

Nesse contexto, *Seu* Joaquim e milhares de pessoas buscaram refúgio em núcleos populares de habitação, sobretudo aqueles em expansão, como era justamente o caso da Maré, na década de 1960. A população das favelas no Rio cresceu exponencialmente e a família de *Seu* Joaquim e Dona Luzia acompanhou todo o processo.

De volta à Maré, pra ficar

Após passar alguns meses em Cordovil, a família mudou-se novamente para a Maré. O Distrito da Nova Holanda foi aterrado durante o Governo Carlos Lacerda, que conduziu um projeto de conjuntos habitacionais, entre os quais a Cidade de Deus, Vila Aliança, Vila Kennedy e Cidade Alta.

Na Maré, a família se mantém até hoje; ganhou mais sete filhos, que geraram 25 netos, 26 bisnetos e quatro tataranetos. Ao todo são 65 pessoas, além do casal, e 62 anos de casamento de Dona Luzia e *Seu* Joaquim. "A Nova Holanda é um canto bom de viver, aqui é muito tranquilo, ninguém perturba ninguém, ninguém rouba ninguém (..) Todos os meus filhos estudaram aqui e, graças a Deus, estão todos formados".

A história de *Seu* Joaquim nos faz refletir sobre o Rio de Janeiro do século passado, em que estão as raízes dos problemas vividos hoje. Segundo ele, "analfabeto é quem não sabe o que aconteceu, o que está acontecendo e o que pode acontecer no futuro".

Ao longo de todas as gestões, a política de urbanização e modernização sempre seguiu uma linha: tratar a parcela mais pobre da população como um problema que se deve varrer para debaixo do tapete. Hoje, *Seu* Joaquim trabalha num armazém, no 1º andar de sua casa, além de atuar como pastor, às terças, quintas e domingos, na Rua 7 de Março. Quando perguntado como conseguiu tudo o que tem na vida, ele responde com serenidade: "evite falar muito, fale pouco; evite querer enxergar tudo, enxergue o que é necessário; e ouça bastante".

DICAS CULTURAIS

CONJUNTO ESPERANÇA

Bar do Grande

Sextas - DJ -19h
Sábados – Baile *Funk* -23h
Domingo – Roda de Samba 19h
Localização – Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322

MORRO DO TIMBAU

Dogueria Resenha

Há menos de um ano aberto como um *Food Truck* carioca, especializado em *hot dog* artesanal, já aparece como um dos espaços mais "bombados" do momento, com pelo menos três eventos semanais.
Quando – sextas, sábados e domingos
Horário – a partir das 22h
Localização – Avenida Guilherme Maxwel, 95

NOVA HOLANDA

Baile *Funk* da NH

Quando – sábados
Horário – a partir das 22h
Localização – Rua Teixeira Ribeiro – alguns eventos acontecem no Campo da Paty

Pagofunk da BT

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome à festa.
Quando – quintas
Horário – a partir das 22h
Localização – Rua Bitencourt Sampaio

Nova *hip hop*

Edição Especial
Atrações: Choice, Híbrido, LXRDX, Ratta MC e Na Broca
DJs: Rodrigo Fox, Reis, André, Barão e Mal Beat
Mestres de Cerimônia: Mota e MC Natalão
E mais: Batalha de MCs, Mic Aberto, Doação de Livros e Reu Xarpi
Quando – 20/05
Localização – Rua Sargento Silva Nunes, esquina coma Rua A

CAM: Centro de Artes da Maré

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ
TELEFONE: **(21) 3105-7265**
facebook.com/centrodeartesdamare

04/05 (sexta-feira)
Bicicletada Noturna
Horário - 19h
Saída CAM - final LONA

25/05 (sexta-feira)
Cine Conceição - filme Branco sai, Preto Fica
Horário - 20h

26/05 (sábado)
AMAREGAY (Performances, falas, shows)
Horário - 20h

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

NOVA MARÉ

Lona Cultural Municipal Herbert Vianna

RUA IVANILDO ALVES, S/N°, NOVA MARÉ
TELEFONE: **(21) 3105-6815**
facebook.com/lonaculturaldamare

Todas as sextas-feiras
Oficina de Percussão
Horário - 15h30 às 17h30
Público infantil

Todos os sábados
Oficina de Stilleto (Maré Sobre Saltos)
Horário - 11h às 13h
A partir de 14 anos

11/05 (sexta-feira)
Favela Rock Show
Horário - 21h
Na Lona ou na Praça da Nova Holanda

18/05 (sexta-feira)
Doralyce e Samba Independente dos Bons Costumes
Horário - 21h

Projeto Nenhum a Menos:
Segunda a sexta - 15h às 18h
- Complementação Pedagógica
- Iniciação Musical
- Letramento
- Robótica
- Contação de histórias
Faixa etária 8 a 12 anos

Cine Clube Rabiola
Acontece **todas as quintas-feiras** do mês

TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

PARQUE MARÉ

Baile Charme da Teixeira

Quando – domingos
Horário – a partir das 20h
Localização – Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria

PARQUE UNIÃO

Baile *Funk* do PU

Quando - sextas
Horário – a partir das 23h
Localização – Rua Ari Leão

Roda Cultural do Parque União

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.
Quando – sextas
Horário – 18h
Localização – Rampa de *Skate*, no final da Rua Ari Leão

Baile Retrô

Baile *funk* da antiga e charme.
Quando - domingo
Horário – a partir das 23h
Localização – Rua Roberto da Silveira

Fim de Tarde do Fundamental

Esse evento conta com o grupo de pagode "Fundamenta" composto por moradores da Maré fechando toda a rua.
Quando - domingo
Horário – a partir das 18h
Localização – Rua Roberto Silveira (toda a rua)

Praça do Parque União

O forró da Praça é um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.
Quando – domingos
Horário - a partir das 22h
Localização – após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

BBBar

Tradicional *Pagofunk* já famoso na Maré e fora dela.
Quando – sábados
Horário – a partir das 22h
Localização – Rua Larga

PRAIA DE RAMOS

Pagode do Litrão

Pagofunk sempre com uma atração do *funk* e do pagode.
Quando – sextas
Horário – a partir das 23h
Localização – Piscinão de Ramos – Passarela 13

Pagofunk do Pistinha

Pique Novo
Com MC Pé de Pano
DJs: Duduzinho, Gordinho, JV Sheik e LP Lopes
Entrada: 1º lote - R$ 10,00
Quando – 11/05
Horário – a partir das 20h
Localização – Piscinão de Ramos, Passarela 12, em frente ao Corpo de Bombeiros

SALSA E MERENGUE

Pagode da C11

Um dos eventos mais tradicionais de *funk* e pagode da Maré.
Quando – sextas e domingos
Horário – a partir das 22h
Localização – Via C11

VILA DO JOÃO

Baile da V.J

Quando – sábados
Horário – a partir das 23h
Localização – Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

Estrela da Vila

Barzinho com boa música ao vivo
Quando – quinta a domingo
Horário – 20h
Localização – Rua Quatorze, 322

VILA DOS PINHEIROS

Tabacaria *Dread Locks*

Shows de bandas do cenário alternativo do *rock, reggae, rap* e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.
Quando – sextas e sábados
Horário – a partir das 20h
Localização – Via B9 - em frente ao bloco 1

CEDAE não cumpre promessas na Maré

Depois de seis anos, obras importantes para a população não saíram do papel

HÉLIO EUCLIDES

Um dia, os moradores abriram o Jornal e lá estava uma boa notícia: a Maré teria uma grande obra de esgoto. Mas a promessa não saiu do papel. No Maré de Notícias, Edição nº 35, de novembro de 2012, o diretor de Distribuição e Comercialização Metropolitana da CEDAE – Companhia Estadual de Águas e Esgoto, Marcelo Motta, assegurava que a estatal realizaria obras para a melhoraria da rede de esgoto e iniciaria o tratamento dos resíduos na Estação da Alegria, no Caju. Já na Edição nº 44, de agosto de 2013, o Jornal tornava público um questionamento sobre o início das obras no sistema de esgoto. E, por fim, um ano depois da primeira promessa, na Edição nº 47, o então presidente da CEDAE, Wagner Victer, informava que as obras de esgotamento sanitário começariam em breve.

ELISÂNGELA LEITE

Por falta de dragagem, o valão que fica na comunidade Rubens Vaz acumula lixo que vai direto para a Baía de Guanabara

O tempo passou e....

De lá para cá, cinco anos se passaram e a situação piorou. "No passado, tivemos o Marcello Motta na reunião do *Coletivo Maré que Queremos*. Foi prometido um atendimento semanal nas comunidades. A empresa precisava avançar na parte funcional e de estrutura, com novos equipamentos. Sobre a obra, até agora, só promessa", reclama **Pedro Francisco**, presidente da Associação de Moradores do Conjunto Esperança. A Empresa tem uma base local. "A CEDAE Maré faz o máximo, pois não tem estrutura e condição de trabalho", declara **Luciano Aragão**, vice-presidente da Associação de Moradores de Marcílio Dias.

Para **Vilmar Gomes**, o *Magá*, presidente da Associação de Moradores do Rubens Vaz, "a obra que foi prometida nem saiu do papel. Hoje enxugamos gelo, desentope num dia e entope no outro. Tem de trocar o encanamento, que são manilhas esfareladas", esclarece. Ele entende que é necessário um investimento na CEDAE Maré. "O caminhão desentupidor diminuiu para três dias o atendimento na Maré, não é suficiente. São duas equipes de serviço referentes à água, e outras duas de esgoto. É pouco. Esses profissionais ainda desentopem usando tubos de PVC".

Em frente ao Bloco Oito, no Conjunto Pinheiro, existe um esgoto entupido. Para piorar, um bolsão de água da chuva se forma próximo ao campo de futebol Toca da Raposa; o resultado é a mistura de esgoto com água da chuva, o que pode acarretar doenças. "Tem de ter projeto de reformulação do esgoto. As caixas estão todas cheias e já está minando por baixo do prédio", reclama **Francisco Fábio**, morador do local.

"Tudo que envolve essa estatal acaba assim, promessas, muitos milhões de reais investidos, resultados ambientais pífios. Infelizmente, o que era para ser uma Empresa estratégica tanto do ponto de vista de saúde pública como ambiental, é o que é. Em tudo que essa Empresa está envolvida, tal como Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG), Programa de Saneamento Ambiental (PSAM) e Cena Limpa, com algumas honrosas exceções, simplesmente não dá em nada", avalia o biólogo **Mário Moscatelli**.

Uma Maré de promessas

Na Edição nº 35 do Maré de Notícias, Marcelo Motta revelou que o investimento seria de R$ 35 milhões somente na Maré, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) 2. Um conjunto de intervenções, como o novo tronco-coletor do Faria Timbó. Na Maré, as obras contemplariam boa parte das comunidades, indo do Parque União até o Conjunto Esperança. O início das obras foi previsto para março de 2013, com prazo de 720 dias para a construção de seis elevatórias de pequeno porte. A obra seria de ligação domiciliar, com novas redes coletoras de esgoto.

Já na Edição nº 47, Wagner Victer prometera que as obras de esgotamento sanitário começariam em março de 2014. A obra traria benefícios para a Baía de Guanabara, ligando Marcílio Dias, Praia de Ramos e Roquete Pinto à Estação de Tratamento da Penha, e o restante da Maré à Estação da Alegria. Por fim, criaria um cinturão nas galerias para o fim do esgoto que cai clandestinamente nos canais.

Procurada, a CEDAE respondeu que na Maré, devido à ocupação desordenada do solo, é necessário readequar a rede. Para isso, a Companhia está finalizando ajustes no projeto que visa adaptar a rede existente e implantar novas redes para direcionar o esgoto da região à ETE Alegria.

ACOMPANHE O TRABALHO DA SUA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

MARCÍLIO DIAS

Telefones:2584-4534 e 2584-4527

Presidente: Jupira dos Santos

A Associação fica na Av. Lobo Júnior, 83 - Conjunto Marcílio Dias.

Telefones: 2584-4534; 2584-4527; 97583-7719

PRAIA DE RAMOS E ROQUETE PINTO

Telefone: 3104-5069

Presidente: Cristiano Anselmo

A Associação de Moradores informa que já foi solicitada à Secretaria de Urbanismo a manutenção do asfalto da Rua Principal (Rua Oricuri), mas que o pedido ainda não foi atendido. E que a CEDAE está realizando obras de saneamento na região.

NOVA HOLANDA

Telefone: 3105-7148

Presidente: Gilmar Gomes

A Associação de Moradores está oferecendo Curso de Formação de Professores, Curso de Supletivo e Curso de Artesanato. A Associação informa também que a Light realizou o cabeamento da Rua do Canal.

NOVA MARÉ

Telefone: 2270-1274

Presidente: Alexandre Ribeiro

A Associação de Moradores conseguiu com a Light a troca de alguns fios que estavam sem condições de uso. E também a indicação de um gari para garantir a limpeza das ruas e evitar o acúmulo de lixo na comunidade.

CONJUNTO ESPERANÇA

Telefone: 3104-7407

Presidente: Pedro dos Santos

A Associação de Moradores informa que o atendimento do advogado acontece de segunda a sexta, das 8h30h às 10h.

VILA DO JOÃO

Telefone: 3109-3143

Presidente: Índio (Valtemir Messias)

A Associação de Moradores informa que está sendo realizada uma ação de limpeza na comunidade, com a retirada de veículos abandonados nas ruas. A Associação informa também que está com três novos funcionários-colaboradores, de jornada fixa e intermitente.

PARQUE ECOLÓGICO

Telefones: 3104-8950 e 3109-2576

Presidente: Cláudia Santana

A Associação de Moradores informa que houve um trabalho de desentupimento de ralos das ruas. O Parque Ecológico também recebeu a visita de 6 turmas do EDI do Salsa.

PARQUE UNIÃO

Telefones: 3882-5510 e 3881-9783

Presidente: Deraldo (Edinaldo dos Santos)

A Associação de Moradores do Parque União incentiva as crianças a praticarem esportes, como, por exemplo, *Jiu-jitsu*, Capoeira e Boxe. E todas as sextas-feiras, às 8 horas, tem funcional. Os interessados podem comparecer à sede e fazer parte do time. O lema da Associação é "*juntos somos mais fortes*". Equipe de professores: de *Jiu-Jitsu*, Douglas Gentil; de Boxe, Ley; de Capoeira, Curujito.

CONJUNTO PINHEIRO

Telefone: 3104-7183

Presidente: Eunice Cunha

A Associação está realizando um trabalho voluntário para adoção de animais abandonados. E informa os dias e horários dos serviços disponíveis: Fisioterapia - terças e quintas, das 8h às 11h e das 11h às 14h; Assistente Social - quartas e sextas, das 9h às 12h; Advogado - sextas, das 11h às 13h.

PARQUE MARÉ

Telefones: 3105-6930 e 3881-6182

Presidente: Vavá

A Associação informa que foram realizados os serviços de limpeza de ralo, troca de postes e de redes. E que a Associação realizou a tradicional Festa de Páscoa. Estão sendo distribuídas isenções para a emissão de documentos (2a via de RG, Certidão de Nascimento, Certidão de Casamento e Certidão de Óbito). A Associação também está selecionando 50 currículos por mês, para a função de Auxiliar de Serviços Gerais, que são indicados a empresas parceiras.

RUBENS VAZ

Telefones: 3105-7146 e 3104-5388

Presidente: Magá (Vilmar Gomes)

A Associação pede que os moradores coloquem borrachas nos aparelhos de ar condicionado, para evitar que a água que cai fique empoçada na rua e aumente os riscos de doenças como Dengue e Chikungunya, na comunidade. A Associação pede também que os moradores coloquem o lixo, para recolhimento, na parte da manhã. O objetivo é evitar o acúmulo e os animais de rua que buscam alimentos.

MORRO DO TIMBAU

Presidente: Caco (Glauco dos Santos)

A Associação de Moradores fica na Rua dos Caetés, nº 131.

Atendimento ao público: de segunda a sexta, das 9h às 17h.

BAIXA DO SAPATEIRO

Telefone: 2290-1092

Presidente: Charles Gonçalves

A Rio Luz realizou serviços de trocas de lâmpadas e a Light fez troca de rede. A Associação de Moradores informa que a coleta de lixo está sendo realizada regularmente, todos os dias. E que os atendimentos e o Curso Supletivo continuam normalmente.

VILA DO PINHEIRO / SALSA E MERENGUE

A Associação de Moradores da Vila do Pinheiro fica na Via A1, nº 135.

Atendimento ao público: de segunda a sexta, das 9h às 17h.

CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS

A Associação de Moradores informa que conseguiu o desentupimento dos bueiros de doze ruas da comunidade. No dia cinco de maio será realizada uma ação social e terão início as intervenções de melhoria da praça. A Associação informa também que está oferecendo, gratuitamente, consultas jurídicas.